



# PLANETA VINIL

de Cecília Ferreira

O Teatro da Rainha tem um percurso de criações para a infância realizado sempre a partir de materiais inéditos de autores cúmplices do projecto da Rainha. Os textos de Joseph Danan, *Dodo, no rasto do pássaro do sonho, Jojo, o reincidente e O pequeno serial killer* assim como *Dois Narizes num mar de Plástico*, de Fernando Mora Ramos, são exemplos disso. Desta vez o ponto de partida é um convite feito a Cecília Ferreira, dramaturga premiada pela SPA - tem já publicado um conjunto de textos, nomeadamente *Rua da Alegria e A acompanhante* - que, além de ter mestrado em literaturas modernas é licenciada pela ESMAE, tendo do teatro uma noção interior.

O que distingue esta criação, ser encomenda, é também integrar uma equipa nova - em experimentação de si mesma. Assim, as jovens atrizes que a constroem, e a cenógrafa, realizam primeiras experiências profissionais, associando-se à escritora que, pela primeira vez, verá uma sua criação para a infância levada à cena.



Uma criança ruiva, um peixe-napoleão, um escaravelho e uma galinha poedeira fogem da Extinção. Não sabem ao certo quem ela é, mas, pelo tom grave com que todos pronunciam o seu nome, e cada vez com mais aperto, estão certos de que se trata de uma criatura monstruosa e assustadora, que está a aproximar-se deles com largas e demolidoras passadas. Os quatro não decidiram fugir juntos, foi o caminho que os juntou. E nem sempre foi fácil a sua convivência, mas seguiram, guiados pelos seus instintos e convicções, em direção à Porta do Fundo do Mundo, que lhes permitirá aceder, acreditam, ao Averso – aquele que está limpo da Extinção e de outros monstros que tais. Todos parecem saber como chegar até lá, mas o tempo excede-se, elucida e confunde, e o percurso cresce e inquieta.

Texto - Cecília Ferreira

Encenação – Fernando Mora Ramos

Cenografia – Patrícia Guimarães

Música – Eduardo Raón

Interpretação – Cibeles Maças, Mafalda Taveira, Fábio Costa e Nuno Machado



# EM FUGA PARA O AVESSE

[sobre Planeta Vinil, de Cecília Ferreira]

A comunidade das espécies reuniu-se na fuga. Melhor, a fugir, em desencontro, juntou-se. FOGE-SE PORQUE HÁ UM MOTOR DE FUGA CHAMADO MEDO. Há muitos tipos de medo: os pesadelos são medo nocturno. Há outros: o vulcão CÍCLICO, o tornado, o ciclone, o tsunami, fenómenos naturais, dizem. E outros ainda: da poluição, do ar irrespirável, dos pesticidas, dos micro-plásticos e plásticos na cadeia alimentar, há medo de comer o que mata e se vende, etc. O planeta, e os seus habitantes animais, com todas estas agressões, está doente. Não pode resistir a tudo, está já meio infértil, como esses planetas que vemos onde não há vida e as paisagens são estéreis - uma couve não quer lá viver e os oceanos estão congelados no interior da terra, são minas de gelo infinitas. Esses lugares são infernos galácticos.

O Peixe Napoleão, a Nina, o Escaravelho Vacaloura e a Galinha fogem da Má da Fita que nunca viram mas que sabem que destrói tudo, nada poupa, nem animais nem humanos, nem a Poupa. Quem é a Má da Fita? Ninguém sabe. Mas ELA anda aí. Seca os rios, suja os mares, mata de asfixia os mais frágeis pulmões, espalha asmáticos, gera ondas de calor e ondas de gelo, indispõe os ventos, põe as criaturas a falar com máscaras que filtram o veneno que se respira, cria tornados fora de sítio, degela as calotes polares, tem poderes de monstro global, não respeita muros nem fronteiras, nem paredes de casas, telhados, seres vivos — foi avistada uma vaca dentro de um tornado que andou tanto às voltas que, dizem, morreu pendurada no cimo de uma araucária num país em que ninguém mugia, um país sem vacas, só de girassóis — morreu absolutamente solitária, ninguém por ela mugiu sequer um murmúrio de tristeza. Um país de girassóis é um país pintura, talvez, só há nas paredes das casas e em extensões medidas de paisagens.

A Má da Fita não é o Abominável Homem das Neves, nem o Monstro de Loch Ness, esses são, ao lado dela, bonzinhos. Quase de peluche. Metem sustos mas não dão cabo de nada, vivem escondidos, nunca aparecem, só deixam rastos. E se aparecem é para desaparecer, parecem monstros com medo de outros monstros e fogem, como os outros, que também fogem, mas sabem esconder-se com eficácia. Sim, porque é que nunca ninguém os apanhou?

A Má da Fita não é boazinha não, é muito pior que uma assembleia de diabos reunida em CONGRESSO para fazer mal aos humanos, muito pior que a bruxa da Vassoura, muito pior que o tal Papão que, desgraçadamente, só é chamado quando as crianças não querem comer — tem um emprego de porcaria, sazonal e a horas chatas. Ser chamado ao pequeno almoço é chato, é cedo e ao almoço é chato é a meio do dia e ao jantar é chato, já é tarde. Só serve para medos pequeninos, nem sustos são, é uma fraca figura, como Dom Quixote. Por isso ninguém quer ir para Papão e há uma crise de papões no mundo, muita oferta e nenhuma procura — o mesmo acontece com os pais natal, já não há pachorra para aquela barba branca sempre a mesma nem para a porra da rena, nem para os embrulhos apinocados — e por que não um camelo? E por que razão não há um filho natal, ou uma formiga natal com antenas, que sejam aborígenes ou tupinambás, ou da Papua e não necessitem do sapatinho?

Os fugitivos não são de nenhuma tribo especial. São da tribo dos fugitivos. Há muitos no planeta. Uns fogem de guerras, outros de fome, outros de falta de espaço, outros de falta de emprego, outros de calamidades naturais, outros de si mesmo, psicóticos e desesperados, deprimidos, a comprimidos, sustentáveis assim.

No Mediterrâneo sabe-se que muitas pessoas a fugir de guerras em África morrem afogadas. E há cidades feitas de tendas e barracas com milhões de pessoas em cima umas das outras, sem espaço, sem esgotos, sem água quente, sem nada, sobrevivendo, sub-vivendo. Estão ali à espera de poderem viver de novo. Em campos, concentradas. Uma tristeza.

Os fugitivos juntam-se para fazer uma equipa. O Peixe-Napoleão é organizador. Fazer uma tropa resistente, de lutar, capaz de se defender. A Nina tem uma bomba para a asma que não deixa de ser uma bomba. Curioso, pensa a Nina: eu sou asmática, o Napoleão é o mais feio dos peixes, a Galinha coitada é uma galinha — és uma galinha —, põe ovos como quem vai à retrete, em série, dizem que é burra — já os burros dizem que são espertos — o Escaravelho Vacaloura tem medo de ser pisado, vive no pânico da patada final, debaixo de pedras, em buracos húmidos. Uma equipa do caraças. De segundas e terceiras linhas. No ranking das espécies é assim que surgem, atrás da raça dos protagonistas, membros das primeiras linhas.



E têm um objectivo que descobriram a fugir da Má da Fita, que está em todo o lado, na sombra que passe de uma formiga também perdida. Anda todo o mundo em fuga. Mas para onde fugir se a Má da Fita é global? Bem, talvez para o avesso do planeta, o lado B. E onde é que isso fica? Para lá da Porta do Fundo do Mundo, muito famosa e, ao que parece, familiar. Não é uma das portas de Tebas, que tinha sete. Nem é a Porta da Babilónia. É mais parecida com as portas que as pessoas têm em casa, muitas são quase de papel, feitas daqueles folheados que foram vagamente madeira de sultos de árvores fábricas. Sim, há florestas que não são florestas, são fábricas, e há terra que é tão usada que é abusada, fica incapaz de alimentar arbustos, flores, abelhas, brisas de fim de tarde, de ajudar a que os perfumes dos campos cheirem como as rosas antigas. São terras estragadas. Têm prazo de validade como a comida. Ficam cansadas de serem semeadas em excesso e continuamente, de serem fertilizadas artificialmente para parirem plantas proveta, tangerinas sem sumo, maçãs farinhentas,

bananas tão doces que enjoam qualquer macaco — isto ouvimos dizer ao mano Chimpa. A terra necessita de sextas e férias e pousios, para ser boa e alimentar batatas e beterrabas e couves de pé alto, pirosas vaidosas que se metem em qualquer vão de terra, nos sovacos de qualquer resto de natureza esquinado — serão avessos esses esquinados?

Pois o AVESSESO será o CONTRÁRIO? Parece que sim e que não. O AVESSESO é este mesmo corpo mas do lado de dentro, ou do outro lado, pensa toda a tribo no mesmo momento em coincidência telepática de raciocínio. Nas calças ou num par de meias o avesso é brilhante, mesmo se tem costuras à vista — e as costuras são interessantes, como alicerces, como costura, desenho com linhas. Não apanha tanta luz, respira junto à nossa pele, é ELE que nos aquece se calhar.

O AVESSESO do planeta é como o Lado B de um disco de vinil. Dos que havia dantes e se colecionam agora. O Lado B era sempre menos importante. Muitas vezes nem se ouviam as músicas do lado B. É um lado muito menos riscado pela agulha do giradiscos. Isto pensava a Nina que tinha um pai que tinha discos de vinil quando o Napoleão lhes disse: vamos em busca do Avesso. E disse isto em desespero, quando percebeu que à volta deles tudo estava seco, o ribeiro era um leito de pedras e fazia um calor parecido com o interior de um forno.

Pois é: vamos então ver o Avesso porque de facto o Lado A não toca, só toca riscos. E lá foram. Chegados ao fundo do mundo lá estava a famosa porta. Pequeninha, como aquelas lá de casa. Isto pensou o Escaravelho a tirar os cornos de Vacaloura. Isto pensou a Galinha a tirar a Crista e a Barbela, irmãs de rosto. Isto pensou Napoleão a tirar o para-choques da testa e o Botox dos lábios, isto pensou a Nina a inspirar uma esguichadela de nebulizador.

## Condições Técnicas e Financeiras

### Palco

Largura – 6 m

Altura – 5 m

Fundo – 6 m

Montagem – 1 dia e meio

Desmontagem – 5 h

### Logística

Refeições equipa técnica – 3 pessoas x o tempo de montagem (almoço e jantar) e dias de representações - almoço

Refeições equipa artística – 4 pessoas x os dias de representação - almoço

Alojamento

A considerar em situações acima dos 50km .

### Cachet

Cachet para duas apresentações no mesmo dia – 1000€ isento de IVA  
+ apresentações a indicar

Contacto

Ana Pereira

[anapereira@teatrodarainha.pt](mailto:anapereira@teatrodarainha.pt)

telemóvel: 96 5539198

[www.teatrodarainha.pt](http://www.teatrodarainha.pt)